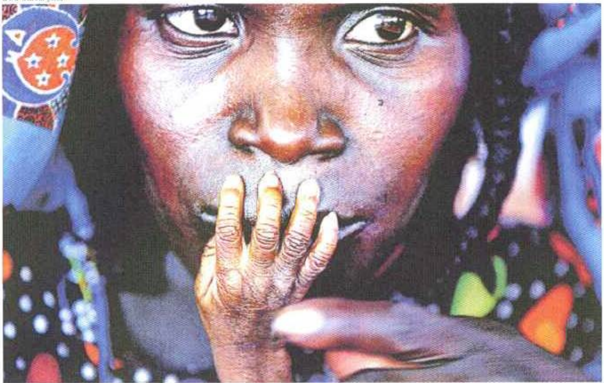
FOME É CAUSADA PELA SECA, MAS TAMBÉM PELA AÇÃO DE **FUNDAMENTALISTAS** NA SOMÁLIA.

Visões da grande fome



Mãe leva aos lábios a mão da filha, numa clínica de assistência: ONU diz que fome pode matar 750 mil pessoas na África nos próximos meses, em especial somalis.

No campo de refugiados Dadaab, no Quênia, o que é mais dilacerante sobre crianças famintas não são os maços de cabelo que caem, a pele manchada e as chagas oloridas, nem os ossos que cutucam a pele esticada lão. É o vazio em seus rostos.

Essas crianças estão conscientes e seus olhos o eguem – mas letargicamente, sem expressão, sem ágrimas ou berros ou até mesmo sobrancelhas ranzidas. Uma criança faminta desliga as emoões, direcionando cada caloria para manter os órãos vitais funcionando.

A ONU alerta que a fome no Chifre da África poerá matar 750 mil pessoas nos próximos meses – e ezenas de milhares já morreram. Num hospital aleão onde estive há cerca de uma semana, aqui em adaab, o doutor Daniel Muchiri mostrou quatro las lotadas com crianças sofrendo de desnutrição rave. Mesmo entre as poucas crianças que conseuem chegar a esse hospital bem equipado, morre ma por dia em média.

Malyun Muhammad pode em breve se tornar uma elas. Com dois anos de idade e pesando apenas 6,3 g, Malyun estava deitado apaticamente numa caa; seus olhos me seguiam, mas totalmente vazios Eu não diria que ele tem grande chance de se salvar, ois chegou muito tarde", disse o doutor Muchiri.

Dadaab atualmente é o maior campo de refugiaos do mundo, com 430 mil habitantes. Ele dobrou de amanho no ano passado e um grande conjunto de rupos assistenciais trabalha aqui.

A fome é causada pela seca – a pior em 60 anos –, ias provocada ainda mais pela intransigência da ilícia fundamentalista muçulmana Shabab, que overna parte da Somália. A área onde grande uantidade de pessoas está morrendo de fome se obrepõe quase perfeitamente às regiões que se enontram sob o controle da Shabab.

De certa forma, houve progresso na luta do mundo ontra a fome. Quenianos e etíopes plantaram vegeis resistentes à seca, construíram projetos hidráuicos e diversificaram seu ganha-pão. Assim, esta sea os atingia menos do que no passado. Um sistema e alerta antecipado emitiu um ano antes a informaão de que a fome estava chegando e as agências asistenciais enviaram mantimentos a tempo.

Na Somália, entretanto, a Shabab mantém afastaa a maioria dos trabalhadores assistenciais e bloueou grande parte das remessas de alimento. Também tentou evitar que os somalis fugissem para coneguir comida em outro lugar.

A Shabab atormentou ainda seu povo com imostos e opressão. Proibiu o sutiã, alegando ser um ímbolo ocidental da promiscuidade – e refugiaos afirmam que jovens milicianos da Shabab às ezes passam a mão nas mulheres para saber se esão usando sutiã.

Os refugiados me disseram que a Shabab era deestada e que uma solução para a fome seria o apoio nternacional mais forte ao governo fraco e vacilante a capital somali, Mogadíscio, na esperança de promover a estabilidade e substituir a Shabab. Mas isso parece improvável.

Ouvir as histórias desses somalis deixou meu coração doendo. Reflitam sobre um homem que conheci e que tinha acabado de atravessar o deserto e chegou a Dadaab.

NICHOLAS D. KRISTOF

Bele Muhammad é um fazendeiro de 45 anos. Ele contou que dois de seus filhos morreram de fome nas três semanas anteriores. Um menino de 14 anos, Abdul Aziz, morreu primeiro, e depois uma garota de 8 anos, Fatuma. A esposa de Bele e seis crianças restantes estavam perto de morrer – e então ele pôs-se a caminhar a pé com mais 50 pessoas procurando uma rota para o Quênia.

Foi uma terrível jornada de 13 dias, em parte porque oito bandidos armados atacaram seu grupo logo após terem cruzado a fronteira queniana. "Os ladrões me pediram dinheiro, mas eu disse que não tinha nada", recorda Bele. Os bandidos separaram os homens das mulheres e então, acredita ele, estupraram as mulheres. Os ladrões torturaram os homens com fogo para descobrir onde tinham escondido o dinheiro. Bele me mostrou as queimaduras no rosto e nos braços.

Finalmente os bandidos viram que ele não tinha nada e o libertaram. E agora, apesar de sua privação, Bele está mandando um recado para sua família, para que seus três filhos mais fortes, com idades de 4 até 12 anos, partam e tentem caminhar até Dadaab – mesmo que isso signifique que podem ser atacados por bandidos, torturados ou estuprados ao longo do caminho. "Se ficarem na Somália, vão morrer de fome", ele disse de maneira abrupta.

Por fatos assim é que a decisão é tão difícil para tantos somalis: eles devem se arriscar a morrer de fome em casa ou à tortura e ao estupro enquanto fogem?

Quanto à esposa de Bele, Mulki, e às outras três crianças, ele simplesmente diz que estão fracas demais para tentar a jornada. Ele ficou em silêncio por um momento e completou: "Eu rezo por elas. Elas podem morrer. Mas não há nada que se possa fazer".

No intervalo enquanto se preparava para uma possível notícia de morte de sua esposa e das três crianças mais fracas, houve apenas um raio de esperança. Após Bele ter chegado ao campo, descalço e queimado, outro refugiado somali (e funcionário de uma agência assistencial) chamado Abdulkadir Abdullahi Maya, teve compaixão dele. Abdulkadir meteu a mão no próprio bolso e lhe conseguiu roupas, sapatos e comida – e restaurou sua fé na humanidade. E a minha.

Nicholas D. Kristof é colunista do jornal The New York Times. Tradução: Rodrigo Garcia

IPI DE CARROS: CHAMEM A FIFA.

ÉDISON FREITAS DE SIQUEIRA

Ainda é recente a lembrança dos vinhos ruins que éramos obrigados a tomar antes do final da década 1980, em face dos desacertos praticados pelos gestores de nossa economia. Naquela época, absolutamente tudo que fosse estrangeiro – fosse bebida, roupa, máquina ou veículo era proibido de ser importado ou consumido.

A justificava de nossas autoridades era que, não permitindo a entrada de produtos estrangeiros País, nossas indústrias estariam protegidas da concorrência e, assim, gerariam e manteriam maior quantidade de empregos internamente.

Só no governo Collor essa política foi modificada. E, pasmem, de lá para cá, nossa indústria, nossos serviços e nossa qualidade de vida avançaram significativamente, destruindo as fórmulas anteriores. A abertura do mercado, ao contrário do que previam os protecionistas, além de trazer mais produtividade, gerou milhares de empregos, divisas e desenvolvimento econômico. Parênteses: na verdade, quando o Brasil foi descoberto pelos portugueses, nosso mercado foi aberto aos europeus, fato que provocou um desenvolvimento sem o qual ainda estaríamos vivendo como os índios de nossas reservas, ou seja, em ocas. E dependendo, todos nós, de alguma espécie de Funai.

Enfim, os avanços na época pós-Collor se devem ao fato de que a importação de produtos, serviços e tecnologia trouxe aos nossos empresários, empresas e ao governo novos padrões de qualidade e de produtividade.

Mas na contramão da abertura de mercado ocorrida em 1990, por orientação da então ministra Dorothéa Werneck, em 1993, também sob o falso pretexto de proteger nossa indústria e os empregos, aumentou-se o imposto sobre os veículos importados, elevando-o de cerca de 15% para 35%.

O citado aumento foi eliminado em curto espaço de tempo, por não ter trazido os efeitos pretendidos – para bem do crescimento e do desenvolvimento nacional. Naquela época, como agora certamente ocorrerá, o aumento do imposto só serviu a três interesses: (1) gerar quebra e desemprego no meio dos importadores e revendedores de veículos importados, (2) permitir que as indústrias de automóveis nacionais aumentassem seus preços sem medo da concorrência, (3) desacreditar o Brasil na comunidade internacional, retardando, até pouco tempo, a introdução do nosso país como importante player internacional.

Assim, causa estranheza que o atual ministro da Fazenda, Guido Mantega, utilize os mesmos e superados argumentos da década de 60, e início da década de 90 – até porque é de conhecimento das indústrias e do mercado nacional que, para melhorar a competitividade, – em lugar de se suplicar por protecionismo, condenado até na OMC, deve-se buscar apoio governamental na criação de incentivos e isenções fiscais voltadas ao incremento da pesquisa, educação e investimentos em qualidade, competitividade e produtividade.

Parece que nossos políticos e os executivos das montadoras nacionais sempre andam para trás. Desconsideram, inclusive, o exemplo e o sucesso dos burocratas da Fifa, ou mesmo da CBF. Enquanto no setor automotivo só se pede proteção de mercado e aumento de impostos para proteger a indústria nacional, no setor futebolístico os cartolas obtêm bilhões de reais para construir estádios em um país que já possui estádios.

Os cartolas conseguem isenção e não aumento de impostos, para o caso do material de construção e da cadeia produtiva, quando disserem respeito à construção de estádios, metrôs, hotéis e outras operações ligadas à Copa.

O argumento de buscar investimento é tão forte que serve até, como no Maracanã, para justificar que se construa o mesmo estádio pela terceira vez.

Mas os nossos políticos e montadoras só sabem pedir e defender "protecionismo". O quadro fica pior se lembrarmos do episódio protagonizado pelo então presidente Itamar Franco, que reabriu a fabricação dos velhos "fuscas", utilizando a absurda justificativa de que a iniciativa geraria novos empregos.

O governo e políticos brasileiros não podem esquecer que as importadoras de veículos, nestes dois últimos anos, construíram mais de duas mil revendas autorizadas no País, gerando mais de 23.000 empregos diretos (e treinando pessoal) em suas oficinas e lojas, em um investimento crescente que já resultava em quase 100 mil empregos indiretos.

Se este argumento não é suficiente, devemos garantir que as indústrias brasileiras continuem enfrentando a concorrência de veículos importados que as faça se desenvolver até alcançarem competitividade e tecnologia igual.

Se não, talvez as indústrias de veículos estrangeiros devam se associar à Fifa ou à CBF para serem melhor representadas, e explicar ao governo que desenvolvimento econômico e geração de empregos se obtêm é com incentivo fiscal e investimento em tecnologia, e não com protecionismo.

Nosso maior problema não é a importação de veículos, mas sim os 109 impostos cobrados pelo Governo de todas indústrias e profissionais brasileiros. Isso sim, retira toda a competitividade dos serviços e produtos brasileiros.

Se isso não mudar, logo logo, todos nós precisaremos de ajuda da Funai ou da Fifa. Ou será que a cultura e a tecnologia dos europeus, dos coreanos, dos japoneses, dos norte-americanos e dos chineses só nos fazem mal?

Édison Freitas de Siqueira é presidente do IEDC - Instituto de Estudos Econômicos e dos Direitos dos Contribuintes